

SOBRE O NOME - REFLEXÕES A PARTIR DA *OTOBIOGRAPHIE DE NIETZSCHE*, DE JACQUES DERRIDA

JOÃO PEDRO DA SILVA MARTINS¹⁸

RESUMO: O presente trabalho parte do texto *Otobiographies de Nietzsche*, no qual o filósofo Jacques Derrida aborda a obra intitulada *Ecce Homo* de Friedrich Nietzsche, considerada como a mais próxima do que seria uma autobiografia deste autor. Logo no título da publicação, Derrida promove um jogo de palavras sonoro entre “auto-biografia” e “oto-biografia”, já que a pronúncia das duas palavras na língua francesa é a mesma; o prefixo “oto” sugerido por Derrida remete ao ouvido, à orelha, à escuta. As implicações entre o “falar de si” na autobiografia e o ouvido que escuta esse falar são desenvolvidas durante o texto. Neste, aliás, Derrida se dedica a ler e comentar – como um fio condutor – o prefácio, um excerto e as primeiras páginas da já citada obra *Ecce Homo* pensando questões muito particulares. Pertinente para este trabalho estão as noções expostas no texto sobre a dinâmica dos nomes próprios dos filósofos, seu porvir e as políticas – em sentido lato – que tais noções implicam. Pretende-se realizar uma discussão sobre os termos no desenvolvimento da exposição, cuja investigação pretende resultar num comentário – balizado nas questões desenvolvidas por Derrida na análise da obra nietzscheana – das formas em que a filosofia pensa e organiza as sumas filosóficas e os nomes que as organizam enquanto índice; desta maneira, a reflexão também ilustra uma possibilidade de se pensar a questão da “identidade do sujeito” – termos carregados de historicidade relevante – de maneira mais ampla.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; Otobiographie; Nome próprio; Assinatura; la-vie-la-mort.

Introdução

Geralmente, se abrimos um livro de história da filosofia, vemos logo um índice de nomes próprios. Dos antigos aos contemporâneos, passando por cada época, há um capítulo que é um nome, como Tales ou Derrida. Assim, forma-se uma imensa galeria de nomes que sobreviveram mesmo aos indivíduos que os portaram e que estão, por vários séculos, perpetuados pela filosofia. A construção dessa galeria muitas vezes é considerada como se fosse autoevidente. O que falar desses nomes? O que falaram de si? É exatamente sobre essa cena que se debruça o texto aqui abordado.

Otobiographie de Nietzsche é um texto de Jacques Derrida que se origina de uma conferência pronunciada em francês pelo autor na Universidade da Virgínia, em Charlottesville,

¹⁸ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio com bolsa de fomento fornecida pela CAPES. E-mail: jpmartins-12@hotmail.com. Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9504312999900815>.

no ano de 1976. Uma parte da conferência foi exposta uma segunda vez na Universidade de Montreal em 1979 e, então, publicada em livro no Canadá em 1982. No ano de 2005 a Editora Galilée – casa editorial na qual Derrida publicou a maior parte de suas obras – decidiu publicar, postumamente, o texto integral da conferência primeiramente realizada no ano de 1976, que havia sido publicada enquanto tal apenas em tradução alemã. Ele é, assim, composto de quatro partes: A primeira, intitulada *Declarações de independência* (em tradução livre), aborda a carta magna dos Estados Unidos. As outras três partes tratam diretamente de Nietzsche e foram publicadas integralmente na edição canadense, onde apenas a primeira parte não foi incluída. Partindo desta edição, este trabalho enfocará, primordialmente, a segunda parte da conferência, intitulada “lógica da viva/da vivente [*logique de la vivante*]¹⁹”, a partir da leitura do conjunto da obra. Esta seção é a que mais diretamente trata das implicações sobre o nome próprio e a assinatura, temas que são o foco central de nosso interesse.

O nome *Otobiographie de Nietzsche* está registrado nas edições mais primevas, enquanto tanto a tradução inglesa quanto a edição de 2005 intitulam a obra como *Otobiographies*. Começamos pelo título: de cara, pode haver um estranhamento. *Otobiographie de Nietzsche*; o que é uma “otobiografia”? Não parece uma categoria corriqueira das modalidades literárias. De fato, ao que tudo indica, é uma invenção de Derrida: o autor joga com a pronúncia francesa da palavra “autobiografia”, pronúncia esta que é igual à de “otobiografia”, para brincar com o título. Ao escutar, pode-se pensar que o texto trata da “autobiografia de Nietzsche” – e sem dúvida este sentido não estaria incorreto – no entanto, ao ler o título do texto escrito pelo autor da *Gramatologia* o estranhamento com o prefixo “oto” ao invés de “auto” ocorre. “Oto” remete ao ouvido, puxando o prefixo de raiz grega. A figura do ouvido e tímpano estão presentes em outras publicações de Derrida (como em *Margens da*

¹⁹ Como foi dito, as citações e passagens são expostas em português fruto de uma tradução livre, visto que a edição tomada por base é a edição francesa. Há traduções em outras línguas, como a inglesa, cuja edição também serviu de base e foi frequentemente cotejada com a edição francesa. Nesta, se traduziu o título da citada passagem, “*logique de la vivante*” em francês, para *logic of the living feminine*; a inclusão da palavra *feminine* parece ter sido um recurso para fazer constar o gênero da palavra também em inglês, já que, como veremos, a alusão à figura materna/feminina é muito importante para a referência que faz Jacques Derrida e que, sem a indicação de gênero na palavra inglesa, não seria expressa. (Cf. Derrida, 1985, p. 3). Alguns anos após a redação deste trabalho, o texto da *Otobiographie* ganhou uma tradução para o português em uma edição brasileira, esta realizada pelos tradutores Guilherme Cadaval, Arthur Leão Roder e Rafael Haddock-Lobo (Cf. Derrida, 2021).

Filosofia). Para este texto, cabe lembrar da expressão “emprestar o ouvido” a alguém. Fala-se, aliás, sobre alugar os ouvidos alheios, algo mais comum e diferente do que se pensa.

No entanto, esta não é a questão sobre a qual nos debruçaremos, embora seja importante abordá-la (mesmo que tangencialmente). Cabe notar, após o título, que este é um texto sobre Nietzsche. Nietzsche não foi aquele filósofo que tinha uma visão bastante própria, bastante peculiar sobre o que eram os filósofos e a filosofia? Não foi Nietzsche que disse, no primeiro capítulo de *Além do Bem e do Mal*, que

gradualmente foi se revelando para mim o que toda *grande* filosofia foi até o momento: a confissão pessoal de seu autor, uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas; e também se tornou claro que as intenções morais (ou imorais) de toda a filosofia constituíram sempre o germe a partir do qual cresceu a planta inteira²⁰.

Não foi pouco antes que definiu a filosofia como “o amor à *sua* sabedoria”, tomando como exemplo um Spinoza que teria “encouraçado e mascarado” sua filosofia para blindá-las de ataques?²¹ Não falou também Nietzsche, no *Crepúsculo dos Ídolos* por exemplo, da idiossincrasia *dissimulada* dos filósofos? Aliás, não é nesse livro mesmo que uma máxima diz “*fala o desiludido*. – Eu buscava grandes homens, e sempre achei apenas *macacos* do seu ideal”²²? Pensar toda a filosofia como um movimento da *vontade de potência* dos filósofos – isto parece poder caracterizar uma parte do pensamento filosófico de Nietzsche. E, mais adiante, em *Ecce Homo*, ele diz que lhe surgiu claramente a história oculta dos filósofos e a *psicologia dos seus grandes nomes*. Poderia se falar de uma vontade de potência que atua em prol do seu nome? Talvez, caso se aceite esta proposição, possa fazer mais sentido um dos subtítulos do livro de Derrida: políticas do nome próprio.

É justamente sobre o *Ecce Homo* que a *Otobiographia de Nietzsche* irá se debruçar. O livro *Ecce Homo* é geralmente considerado o maior esforço autobiográfico presente na obra de Nietzsche; onde ele diz que conta sua história para si mesmo. Seria isto que caracterizaria uma autobiografia? Esta, a autobiografia, é um dos objetos que Derrida pretende discutir.

²⁰ Nietzsche, 2005 [1886], p. 12. Os grifos foram feitos para este trabalho.

²¹ Cf. Idem.

²² Nietzsche, 2006 [1888], p. 16. Os grifos são originais da obra.

No texto, Derrida, após expor que deseja abordar a autobiografia, fala de um discurso sobre *la-vie-la-mort*, sobre a-vida-a-morte. Esperava-se que, ao falar de *biografia*, o discurso subsequente focasse na vida, pois, aparentemente, é sobre isto que a autobiografia trata. No entanto, Derrida usa essa estranha expressão, *la-vie-la-mort*, a-vida-a-morte para introduzir o tema da autobiografia. Este estranhamento é capital e será um dos pontos nodais do texto.

O problema se desenrola a partir do *autos* da autobiografia e também de como entender a biografia de um filósofo e a relação com sua obra. Derrida afirma que, na contemporaneidade, não se concebe, claro, o sistema filosófico como pura imanência, mas não se pode, tampouco, definir uma filosofia pela vida do autor simplesmente. Esta questão entre imanência e o empírico-genético não interroga apenas um ponto, uma linha, ou um lugar, mas sim a linha e o lugar da *dynamis* que atravessa tanto o corpo quanto o corpus filosófico do autor, uma linha que não separa, mas está presente em ambos, é este lugar que Derrida quer pensar. Trata-se de um movimento que é muito caro ao seu pensamento pois esta linha não estaria nem meramente fora nem dentro da vida ou da obra e, no entanto, estas se constituiriam deste passo. A noção para pensar este lugar é justamente aquela de a-vida-a-morte. Para Derrida, morte e vida não são necessariamente opostos inconciliáveis; a experiência se dá nos cacos de vida e de morte no caleidoscópio da a-vida-a-morte enquanto um indecível²³. Apesar disto, isto difere de sua leitura sobre o conhecimento e o discurso especializado, pois as ciências que estudam objetos "mortos" alcançam mais rapidamente o estatuto de sua cientificidade, parece haver uma coimplicação entre o morto e o estatuto do que é objeto científico; assim, resta ao ser vivo integrar o campo da biologia, onde o bio-gráfico é inserido no biológico (ou seja, o biográfico fica para os "fatos da vida" como vida, enquanto o *conhecimento* resta estudado pela ciência como o morto e o estático); é exatamente a mistura desses lugares que Derrida quer indagar.

O que se quer dizer aqui, então, é que o conhecimento filosófico historicamente buscou delimitar e tratar o morto, o fechado: a saber, o corpus do sistema filosófico. Em contrapartida, ao pensamento, restam apenas os contornos bio-empíricos da vida do autor enquanto corpo. De um lado, portanto, o morto enquanto a obra e do outro o vivo que viveu. Falar de um filósofo que escreveu uma autobiografia é, para Derrida, uma oportunidade para embaralhar esses polos - e ele faz isso ao falar de a-vida-a-morte, um lugar onde se mistura a-vida-a-obra para além da

²³ Termos que fazem parte do vocabulário filosófico de Derrida.

separação insolúvel que pensa as duas em momentos separados. De agora em diante é preciso dizer que, ao falar no polo morte, estará se referindo também à obra, ou melhor, à tentativa de reunir e sistematizar o pensamento de um autor, algo que é estável. Onde se disser "morto", deve-se ler também "obra". E a vida como aquilo que se pode dizer na biografia.

O ponto, aqui, é que a política (filosófica) de Nietzsche mistura os dois, Derrida afirma que Nietzsche abordou da filosofia e a vida, a ciência e a filosofia da vida, com seu nome, em seus nomes: "colocar em jogo seu nome, colocar em cena assinaturas, fazer de tudo isto que se escreve da vida ou da morte uma imensa rubrica bio-gráfica, eis o que ele teria feito e do que nós devemos tomar nota"²⁴. A intenção disto não é, aliás, conceder-lhe algum benefício, pois o que se entende por Nietzsche não é o nome, mas sim o portador do nome, que não está mais vivo. Além disso, não haveria benefício de qualquer forma, pois o nome não é o portador e é sempre, a priori, um nome de morto, conforme afirma Derrida.

Para tomar nota, então, é preciso ler o *Ecce Homo*, onde Nietzsche deixa clara esta sua ambiguidade; também, a partir daí, pode-se pensar um outro lugar para a autobiografia, para as questões da vida e da morte. Derrida acompanha apenas uma pequena parte do livro, apenas o início da introdução. Sua leitura tem três movimentos: no primeiro, lê-se o prefácio do livro; no segundo, uma página solta que se assemelha a uma epígrafe, mas que não parece ter um lugar bem definido. Por fim, lê-se o começo do primeiro capítulo. Aqui, assim como faz Derrida, nos deteremos mais longamente no primeiro parágrafo da obra, pois daí podem-se extrair conclusões realmente importantes para o sentido do texto. Leiamos, então, as primeiras palavras do *Ecce Homo* de Nietzsche.

Ecce Homo

“Prevendo que dentre em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer *quem sou*”²⁵. Nós podemos notar, aqui, em primeiro lugar, uma figura frequentemente apontada como característica nas obras de Nietzsche: a hipérbole. No entanto, ela parece estar muito além de

²⁴ Derrida, 2005, p. 43.

²⁵ Nietzsche, 2011 [1888], p. 9. (a paginação refere-se ao e-book) Os grifos são originais da obra.

uma mera figura de linguagem. A grandiosidade atravessa toda a frase em dois momentos: no alcance – já que se fala de toda a humanidade – e na ação – a mais séria exigência. Esta "mais séria exigência" parece ser a divulgação de seu projeto filosófico, já que faz eco a outra citação, pouco adiante no prefácio de *Ecce Homo*: “Em minhas obras ocupa o meu Zarathustra um lugar à parte. Com ele fiz à humanidade o maior presente que até agora lhe foi feito”²⁶. A notável relação de grandiosidade da escala com o projeto filosófico deve ser levada em consideração. Seguimos com a citação: “Na verdade já se deveria sabê-lo, pois não deixei de “dar testemunho” de mim”²⁷. Aqui há uma observação episódica: na maioria das traduções brasileiras consultadas consta a expressão “não deixei de ‘dar testemunho’”, entre aspas. No entanto, surpreendentemente, a tradução para o francês, cotejada com o original, citada por Derrida diz “pois eu sempre apresentei meus títulos [ou documentos] de identidade”²⁸. Derrida também comenta o trecho entre aspas (como no exemplo das traduções brasileiras), propondo que este seja algo como “não me deixei sem atestação”, tornando-o diferente. O autor utiliza a tradução francesa cotejada com o original em muitos momentos e citações, modificando por vezes e comentando. A citação continua: “Mas a desproporção entre a grandeza de minha tarefa e a *pequenez* de meus contemporâneos manifestou-se no fato de que não me ouviram, sequer me viram. Vivo de meu próprio crédito; seria um mero preconceito, que eu viva?”²⁹.

Aqui começam os comentários de Derrida. A identidade [de seu eu] que Nietzsche reivindica, diz Derrida, não é tirada de um contrato com seus contemporâneos, mas de um contrato consigo mesmo, *por isso ele vive “de seu próprio crédito”*. No entanto, para abrir esse crédito consigo mesmo, Nietzsche teve que lastreá-lo no porvir e assiná-lo. Ou seja, não sendo reconhecido por seus contemporâneos, Nietzsche pensa esse reconhecimento no porvir. A única forma de honrar esse crédito é pela *assinatura* de Nietzsche – não pelo próprio Nietzsche – ser reconhecida não mais pelos seus contemporâneos, mas pelo devir do futuro. Assim sendo, Nietzsche engajou a orelha de todos nessa abertura de crédito desmesurado com a indicação de que seria ouvido. Se concedendo esse crédito, ele escreve. Essa assinatura não é Friedrich Nietzsche, mas apenas a assinatura do seu nome, (do) seu *homônimo* – vale lembrar da diferença

²⁶ *Ibidem*, p. 10.

²⁷ *Ibidem*, p. 9.

²⁸ Cf. Derrida, 2005, p. 46

²⁹ Nietzsche, 2011 [1888], p. 9. Os grifos são originais da obra.

já abordada entre o nome e o portador do nome. Além disso, Nietzsche não sabe, no presente de seu escrito, se a linha de crédito imensa e hiperbólica aberta será honrada ou não. Se não fosse, se o contrato não fosse honrado – e, segundo Derrida, só pode ser honrado pelo outro – então Nietzsche pode escrever que sua vida seja talvez um preconceito; isto não apenas na perspectiva da vida, mas do “eu vivo” no presente. E, estando o crédito lastreado num porvir indeterminado e aberto, talvez só se possa conferir o crédito quando o portador do nome estiver morto. Para além disso, vale lembrar aqui que Derrida não fala simplesmente de vida e morte mas de a-vida-a-morte, o portador do nome se separa da assinatura do nome próprio, o homônimo, e o crédito que se espera é conferido ao nome e não ao portador, não ao vivo.

A citação, então, continua

Vivo de meu próprio crédito; seria um mero preconceito, que eu viva?... Basta-me falar com qualquer ‘homem culto’ que venha à Alta Engadina no verão para convencer-me de que *não* vivo... Nessas circunstâncias existe um dever, contra o qual no fundo revelam-se os meus hábitos, e mais ainda o orgulho de meus instintos, que é dizer: *Ouçam me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me confundam!*³⁰.

A afirmação “ouçam-me” lida por um texto que trata também da figura do ouvido deve ser levada em consideração. No entanto, aqui, a pergunta que Derrida faz é: *porque esta afirmação, o aludido dever de se apresentar enquanto tal, é feita a contragosto? Qual é o conflito?*

Na resposta, podemos observar dois caminhos, duas possibilidades: No primeiro, entra-se em conflito com o hábito de se utilizar máscaras, de não pensar a identidade enquanto uma coisa fechada, idêntica, mas, antes, como sempre volátil: ao dizer “sou tal e tal”, Nietzsche pareceria querer-se definir dentro de limites estritos, estreitos, idênticos; coisa pouca afável ao jogo de máscaras que tendem a impedir um fechamento. No entanto, na segunda possibilidade, essa afirmação poderia ser uma “astúcia da dissimulação”; ou seja, ao saber impossível dizer quem é, Nietzsche o faz sabendo das óbvias imperfeições e prega uma peça da contingência, da fresta, onde se acreditava estar no terreno da continuidade e da certeza. A perspectiva de não estabelecer um primado absoluto da identidade autêntica mas, ao contrário, compreender que a

³⁰ *Idem*. Os grifos são originais da obra.

dissimulação permeia tudo – mesmo quando se pretende ser sério– é um dos movimentos mais relevantes para a investigação em questão, inclusive ao se tratar do nome próprio.

Para concluir a leitura do prólogo, então, Derrida cita uma passagem bastante eloquente um pouco mais adiante do trecho anteriormente lido

Uma longa experiência, trazida por tais andanças pelo *proibido*, ensinou-me a considerar de modo bem diferente do desejável as razões pelas quais até agora se moralizou e se idealizou: a história *oculta* dos filósofos [ele não diz da filosofia, nota Derrida] a psicologia de seus grandes nomes surgiu-me às claras³¹.

Deve-se notar que Nietzsche está falando da história dos filósofos e da psicologia de seus *grandes nomes*. De fato, trata-se de uma outra maneira de olhar para a figura do filósofo que é, aquela exposta acima, referente à idiossincrasia destes filósofos, o amor à *sua* sabedoria. Pelo poder de síntese, vale a pena citar também uma parte do comentário de Derrida

[Dizer] Que o eu vivo seja garantido por um contrato nominal em que o prazo supõe a morte daquele que diz "eu vivo" no presente; que a relação de um filósofo ao seu "grande nome", quer dizer àquilo que demarca/delimita um sistema de sua assinatura, deriva de uma psicologia e de uma psicologia bastante nova para não ser mais legível *dentro* do sistema da filosofia como uma de suas partes, nem na psicologia como região da enciclopédia filosófica³².

Remetendo, portanto, àquela *dynamis*, ao traço que atravessa tanto a vida quanto a obra segundo o que foi exposto antes. A perspectiva que Nietzsche aponta faz com que o nome do filósofo não possa mais ser considerado, ou melhor, *desconsiderado*, dado como dado, da mesma maneira como anteriormente. Há uma certa confusão com o nome próprio. Como foi dito, este é o primeiro movimento da análise de Derrida sobre *Ecce Homo* e ele destaca o chamado “efeito de matar”, ele fala da assinatura do nome como sendo diferente do portador, e do nome assinado sempre como nome de morto, algo morto, mortificado. Lembremos da frase de Geoffrey Bennington no verbete *A assinatura da Derrida*: “Meu nome próprio

³¹ *Ibidem*, p. 9-10. Os grifos são originais da obra.

³² Derrida, 2005, p. 52. Os grifos são originais da obra.

sobrevive a mim. Depois da minha morte, ainda vai ser possível me nomear e falar de mim”³³. A cena básica, aqui, é a de que o nome próprio dura mais que o portador. Dito isto, esse é o primeiro movimento do discurso sobre a-vida-a-morte.

O segundo movimento é realizado sobre um fragmento bastante curioso de *Ecce Homo*: entre o prefácio e o primeiro capítulo há uma página solta, um excerto de pouco mais de um parágrafo que não tem lugar na obra – e em muitas edições sequer é listado no índice. Ele não tem nome, não é um prólogo nem um preâmbulo, e parece querer servir de introdução ao começo dos capítulos, mas está separado deles, em itálico, quase como uma epígrafe. Nesta página, Nietzsche diz que a escreve no dia de seu aniversário, onde enterra seus 44 anos pois estava em direito de enterrá-los e o que é vida neles está a salvo, é imortal. O que ele enterra é a morte e, assim, ele salva a vida. E, deste gesto, ele conta a história de sua vida para si mesmo. Assim começa o *Ecce Homo*.

Neste dia do seu aniversário, Nietzsche diz que um raio de sol incide sobre sua vida, permitindo olhar para trás, olhar para frente e ver coisas tão boas como nunca. Derrida indaga se esse momento não parece com o meio-dia, o sol ao máximo pico, um momento sem sombras, onde se pode ver com clareza. Esse momento, essa temporalidade se aproximaria da do *eterno-retorno*. O movimento autobiográfico em *Ecce Homo* estaria, então na cena da afirmação do eterno-retorno, da afirmação de tudo aquilo que passou como bom e como podendo se repetir, eternamente. É isto que constituiu o *estranho presente* desta narrativa autobiográfica. A narrativa não é autobiográfica porque o autor conta sua vida, mas porque ele conta sua vida *para si próprio*. Neste momento, é o eterno-retorno que assina; o eu desta cena se constitui agora no crédito do eterno-retorno. Notemos isso.

No primeiro movimento do discurso sobre a-vida-a-morte, fala-se da assinatura do nome próprio como nome já morto, embora Nietzsche embaralhe tudo e, sobre esse nome morto, realize uma “astúcia da dissimulação”, enganando quem pensa que ele é o mesmo que o seu nome próprio. No segundo movimento, que se debruça sobre esta página solta nem dentro nem fora da obra *Ecce Homo*, parece que se aborda o componente da vida que também constitui – mas não separada – o termo *a-vida-a-morte*. No entanto, os termos não parecem se separar, a

³³ Bennington, 1999, p. 148. Em inglês no original, a passagem citada em português trata-se de uma tradução livre.

linha está para além da dicotomia *vida* e *obra*. Na verdade, ela aborda um outro lugar; um lugar no qual Nietzsche estava ao falar do crédito dado em seu nome, em sua assinatura, como um nome morto, mas, certo, também fala do movimento vivo de assinar, de assinar uma carta de crédito, mesmo que seja em nome do morto. O filósofo em sua vida assinando o nome, as políticas do nome próprio. Da mesma maneira, este estranho tempo do eterno retorno assinala o mesmo: podemos lembrar da frase de Nietzsche em que, no seu aniversário ele enterra 44 anos para salvar exatamente o que é vida. É um duplo movimento.

No terceiro e último movimento sobre o *Ecce Homo*, fala-se exatamente dessa duplicidade. Saindo da página solta e ingressando no primeiro capítulo da obra, se começa pelas origens de Nietzsche, seu nascimento e sua proveniência. Logo, então, se fala de seus pais, de seu pai e de sua mãe – mas de uma curiosa forma simbólica, por enigma, Nietzsche diz: “A fortuna de minha existência, sua singularidade talvez, está em sua fatalidade: diria, em forma de enigma, que como meu pai já morri, e como minha mãe ainda vivo e envelheço”³⁴. Como e da mesma maneira que seu pai que é morto e como e da mesma maneira que sua mãe que é viva, é isto que Nietzsche é tal enquanto seu pai e sua mãe: o-morto-a-viva; a-vida-a-morte. Sua assinatura, então, se escreve a partir deste passo e deste lugar: sua singularidade é estar *entre* os dois, o-morto-a-viva; ele é tal e tal. O nome é duplo, neutro e dividido do pai *le-mort* e da mãe sobrevivente, que sobreviverá mesmo ao filho. Esta sobrevivência é a da vida que ela define, cria contornos e divisa – cria fronteiras – (tal como uma assinatura faz no sistema filosófico), e o nome do pai é o nome da *vida-morta*, seria o patrônimo, talvez o sobrenome.

Ele é os dois, ou mais do que isso, ele é *O* dois, ele é o duplo e o duelo. O dois: a-vida-a-morte, é como ele se apresenta: como tal (vida) e tal (morte) “e sobretudo não me confundam”³⁵. É a partir desta aliança que ele enigmatiza suas assinaturas, a aliança na qual ele as forja ou as sela, como diz expressamente Derrida. Ser mais do que os dois, ser *O* dois, é dar um passo além ou um passo aquém da dialética. Os motivos, temas e repetições desta dupla origem se espalham por todo o *Ecce Homo*, como quando Nietzsche afirma que é, ao mesmo tempo, um decadente e o contrário disso: ele conhece os dois. Isso faz com que ele conheça ambos de forma não dialética. Derrida conclui, então, pensando a contradição do duplo para

³⁴ Nietzsche, 2011 [1888], p. 13.

³⁵ *Ibidem*, p. 9.

além da dialética com uma figura bastante eloquente na língua francesa: o “*pas au-delà*”. A palavra *pas* é, ao mesmo tempo, um advérbio de negação – o “não” em uma frase – e a palavra francesa para “passo”. Com *au-delà* traduzido como além, a expressão *pas au-delà* significa, simultaneamente, um passo além e um “não-além”. Derrida conclui: “[Disse Nietzsche em] *Ecce Homo*: para compreender um pouco que seja o meu Zaratustra, é necessário talvez estar em condição semelhante à minha – com um pé *além* da vida!. Um pé, e *para além* da oposição entre a vida ou a morte, um único passo [ou um único não – *un seul pas*]”³⁶. E ainda:

A assinatura da autobiografia se escreve deste passo [ou deste não]. Ela permanece um crédito aberto sobre a eternidade e não retorna a um dos dois *eu*, contratantes sem nome, que senão pelo anel do eterno retorno. Isto não impede, o permite, ao contrário, que aquele que diz “eu sou meio-dia em pleno verão” (*porque sou tão sábio*) diga também “eu sou um duplo”: e logo eu não me confundo, nem mesmo com minha obra³⁷.

Conclusão

O que podemos tirar destas linhas? Talvez o delinear, ainda muito incerto, de um pensamento para abordar a *política da filosofia* e suas políticas do nome próprio. Falando em tom heideggeriano, seria possível pensar que o que foi dito sobre Nietzsche se aplicaria a outros filósofos? Ainda, que Nietzsche torna apenas aberto e manifesto algo que estaria presente no resto da forma em que compreendemos a tradição filosófica? Nietzsche seria a crista da onda? Seria ele o ápice e o cume desta questão, de modo que tal estrutura se tornasse escancarada?

A perspectiva é que o filósofo faria filosofia sob o índice de seu nome próprio, assinando seus enunciados, porém com uma letra talvez mais impessoal. Da mesma maneira, entretanto, se poderia ver além e aquém (como no *pas au-delà*) da dicotomia vida/obra como dois polos estanques, não essencializando ou recorrendo nem a só a um nem ao outro. Participariam os filósofos com seus nomes nesse grande debate histórico? Pensaríamos, então, a partir de seus nomes de morto? Por fim, legaríamos ao porvir a possibilidade, até mesmo o crédito, de ser ouvido? Ser ouvido como um sistema de pensamento e, talvez, uma visão de mundo? Neste

³⁶ Derrida, 2005, p. 69. Os grifos são originais da obra.

³⁷ *Ibidem*, p. 73.

sentido, o projeto filosófico poderia ser pensado de outro modo. Assim, filosofar seria nunca, *jamais* aprender a morrer.

Referências

BENNINGTON, G. Derridabase. In: ———.; DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1999.

DERRIDA, J. Otobiographies - The Teaching of Nietzsche and the Politics of the Proper Name. In: *The Ear of the Other*. Nova York: Schocken Books, 1985.

———. *Otobiographies - L'enseignement de Nietzsche et la politique du nom propre*. Paris: Galilé, 2005.

———. *Otobiografias: o ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio*. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2021.

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

———. *Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

———. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.